
A metáfora nas lexias complexas da Economia

Elenice Alves da Costa

Mestre em Filologia e Língua Portuguesa – USP;
Docente – Uninove
São Paulo – SP[Brasil]
elenicecosta@yahoo.com.br

Busca-se, neste artigo, examinar as metáforas em um *corpus* de divulgação da Economia. Durante a pesquisa, observou-se grande número de metáforas em formações sintagmáticas. Além dessas formações, também se verificaram muitas metáforas em composições. Tal processo semântico, marcante nas formações sintagmáticas, contribui, sobremaneira, para a função denominativa desse tipo de terminologia.

Palavras-chave: *Corpus* jornalístico. Economia. Formações sintagmáticas. Metáfora. Termo.

1 Introdução

O *corpus* (termos coletados de 1991 a 2005) que consubstancia a análise que vai ser feita das lexias complexas metafóricas da Economia tem como apoio os termos que compõem a Base de Termos da Economia, constituída no âmbito do Projeto Observatório de Neologismos Científicos do Português Contemporâneo (projeto TermNeo) e é composto dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Gazeta Mercantil* e das revistas *Exame* e *Conjuntura Econômica*.

Ao tratar-se das lexias complexas, pensa-se, principalmente, nas composições e nas formações sintagmáticas. Em relação às composições, consideram-se, no *corpus* em estudo, todos os casos em que há uma justaposição de bases autônomas ou não-autônomas. Para Alves (2002, p. 41), a composição funciona morfológica e semanticamente como um único elemento e não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação.

Verificamos que os termos formados por composição (em torno de 36 unidades terminológicas) na Base de Termos da Economia são de estrutura S + S (substantivo + substantivo), compreendendo 97% dos casos, tais como efeito-cascata, empresa-fantasma etc.

“Efeito-cascata”

Fiesp teme que o início das demissões nas montadoras de veículos se transforme em efeito-cascata e agrave o desemprego em outros setores da indústria. [...] A Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) prevê um processo de “demissões em cascata” nos próximos dois meses, na esteira do recente anúncio de

cortes de mão-de-obra na indústria de veículos. (FOLHA DE S. PAULO, 27 ago. 1995, p. 2.1, c. 1 e p. 2.6, c. 2).

“Empresa-fantasma”

Antes de fechar um contrato de fornecimento de produtos, um supermercado ou fábrica pode verificar a situação financeira do seu fornecedor. Com isso, perceber se não há contradição nos dados que possui em mãos e evitar contratos com empresas “fantasmas”, por exemplo. (Folha de S. Paulo, 30 maio 2004, p. B.7, c. 3).

Contudo, no *corpus* em análise, verificou-se que as composições são pouco produtivas, representando somente de 6 a 7% do universo de termos metafóricos da Economia. Normalmente, em 80% dessas composições, a metáfora vai ocorrer na função de determinante.

As metáforas crescem, portanto, nas composições metafóricas, uma especificação, uma característica própria da base adjetival aos termos do elemento determinado, que constituem um elemento genérico. Em “conta-laranja”, por exemplo, “laranja” é uma metáfora que designa, com a outra unidade lexical “conta”, um tipo de conta-corrente ilegal, aberta por um agente com o nome e os documentos de empregado ou de outra pessoa, utilizada para movimentar um caixa dois. Para aqueles que já conhecem o sentido da metáfora laranja (termo que denomina o indivíduo ou empresa que cede seu nome para a realização de operações financeiras escusas com o objetivo de imprimir-lhes aparência legal), a junção desse termo metafórico à unidade “conta”, pode tornar seu significado bastante transparente. Vejamos o contexto no qual a unidade aparece:

“Conta-laranja”

Mas toda vez que se fala em PC Farias, Collor, Castor de Andrade, anões do Orçamento, tem dólar metido no meio realmente. Isso cria uma psicose de país subdesenvolvido que não conhece liberdade cambial. [...] Não sou contador do Castor, mas pelo visto a grande massa de recursos permaneceu no Brasil, em imóveis, CDBs e poupança. Apareceu transferência de US\$ 497 mil do Castor para a Suíça. Será que a rede de jogo do bicho do Rio rendeu US\$ 497 mil? Será que não tem um pouquinho mais de dinheiro que isso depositado na rede bancária, em cruzeiros? Tem e estão naquilo que eu chamo de contas agrícolas, ou seja, nas contas “laranja”. Tem é que acabar com esse preconceito de câmbio bandido. (FOLHA DE S. PAULO, 24 abr. 1994, p. 2.5, c. 3 e 4).

Conjectura-se, ainda, que esse tipo de conceituação para a metáfora “laranja” advém do fato de que, no caso de as empresas fraudulentas serem punidas, caberia ao “laranja”, representado por pessoa ou empresa assumir a culpa, respondendo a todo tipo de questionamento quando interrogado, ou seja, passa a ser “esprimido(a)” como se fosse a fruta. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001; p. 2709), o conceito do termo “laranja” em Economia é relacionado a “[...] indivíduo, nem sempre ingênuo, cujo nome é utilizado por outro na prática de diversas formas de fraudes financeiras e comerciais, com a finalidade de escapar do fisco ou aplicar dinheiro de origem ilícita; testa-de-ferro [...]”, porém nenhuma explicação é dada pelo dicionário a respeito da origem desse termo, deixando o

consulente curioso sobre a motivação semântica dessa unidade vocabular.

Observa-se também que, na maioria, esses termos são compostos endocêntricos em que na composição do nome do referente, a expressão linguística ocorre no núcleo do composto. Este é o caso, por exemplo, de empresa-mãe, termo que tem como base o conceito de que “atividade empresarial é maternidade”, a matriz de uma empresa que gerencia suas filiais. O núcleo “empresa” refere-se, literal ou diretamente, ao objeto que designa e apenas o adjunto “mãe” é usado figurada ou metaforicamente:

“Empresa-mãe”

Empresas-mãe absorvem ‘filhas’ para reduzir custos e impostos’ (tít.) (FOLHA DE S. PAULO, 13 mar. 1991, p. 3.1, c. 1-5).

Em relação aos compostos exocêntricos, há uma baixíssima frequência desse tipo de formação no *corpus* em análise, representando somente 0,05% do total das unidades analisados. Este é o caso de “boca-do-forno”, em que o núcleo “boca” não se refere isoladamente a algo que está prestes a se concretizar. Nesse contexto, designa o termo em que ocorre, um projeto que cria a Conta Individual de Previdência, ou seja, só o todo atende à designação do termo. Para Sandmann (1992, p. 43), quando a sequência toda é empregada figurada ou metaforicamente, diz-se que o composto é exocêntrico. Vê-se, logo abaixo, o contexto no qual esse termo ocorre:

“Boca-do-forno”

Nova aplicação: o governo tem na boca-do-forno um projeto que cria a Conta Individual de Previdência Complementar,

espécie de fundo pessoal para aposentadoria, também com incentivo fiscal. (Folha de S. Paulo, 4 fev. 1996, p. 1, c. 2).

généralement plus rares que les termes composés et les termes-syntagmes dont une composante est employée au sens métaphorique [...]¹

Por último, observando os termos compostos da Economia, conclui-se que, apesar de a estrutura ser, normalmente, S + S (substantivo + substantivo), não há uma igualdade de condições, mas uma estrutura subordinativa em que a metáfora, frequentemente, funciona como elemento esclarecedor do termo genérico da Economia.

Em “empresa-fantasma”, por exemplo, a unidade circunscrita à área de Economia seria “empresa”, que generaliza um tipo de conceito. Já o termo “fantasma” esclarece o sentido da unidade terminológica, poupando a criação metafórica de uma distensão da unidade. Explica, portanto, de uma maneira concisa, o significado do termo: empresa que existe apenas aparentemente, e/ou que existe apenas no papel, e/ou que esconde propósitos fraudulentos etc.

2 Formações sintagmáticas

As formações sintagmáticas que apresentam metáfora em sua constituição correspondem, aproximadamente, a 76% do universo do total dos termos em estudo, merecendo, portanto, uma atenção especial quanto a sua especificidade em Economia.

Tal constatação parece ocorrer também com outros tipos de *corpus* terminológicos. No entanto, Kocourek (1991, p. 169), em seu estudo que versa sobre a língua francesa tecnocientífica, afirma que a metáfora ocorre, sobretudo, nas formações sintagmáticas:

*Pour en revenir à l'étendue des termes:
Les termes-mots métaphoriques sont*

Para Alves (2002, p. 50), tais formações se processam quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, constituindo uma única unidade léxica.

Ainda afirma a autora que entre a unidade léxica constituída por composição propriamente dita e a formada por composição sintagmática existem diferenças. Verifica-se que a ordem de apresentação da unidade sintagmática é sempre do determinado seguido do determinante, o que nem sempre se verifica no elemento composto; além disso, o item léxico composto pode obedecer a regras quanto à flexão de gênero e número. Já os membros integrantes do composto sintagmático conservam as peculiaridades flexionais de suas categorias de origem.

A formação sintagmática, conforme atesta Alves (2002, p. 54), também revela que essas formações ocorrem com muita frequência nos vocabulários técnicos, resultando, nessas situações, em uma indecisão em relação à designação de uma nova noção.

Os sintagmas nominais do tipo substantivo + adjetivo (S + ADJ) ou substantivo + sintagma preposicionado (S + SP), exemplificados respectivamente pelos termos “aceleração inflacionária” e “alavancagem de patrimônio” são muito produtivos em Economia.

“aceleração” inflacionária

Em um ambiente de aceleração inflacionária é muito fácil conceder elevados reajustes

para os salários nominais [. . .]. (FOLHA DE S. PAULO, 26 nov. 1995, p. 2.2, c. 3).

“alavancagem” de patrimônio

Quanto à sua dívida sobre o risco supondo um fundo de renda fixa agressivo que só possui títulos de renda fixa e não tem alavancagem de patrimônio [. . .]. (FOLHA DE S. PAULO, 5 fev. 2001, p. F. 5, c. 4).

Menos produtivos na área econômica seriam os sintagmas verbais, tais como “abrir capital, abrir a economia ou alavancar o PIB”:

“abrir” capital

Pesquisa do instituto aponta que a maior parte das empresas que abrem o capital é endividada, com baixa lucratividade e poucas perspectivas de crescimento. (FOLHA DE S. PAULO, 25 jun. 2001, p. B. 2, c. 2).

“abrir” a economia

A vulnerabilidade externa e a fragilidade fiscal que hoje nos atormentam foram criadas por obra e graça das políticas de câmbio valorizado e de juros elevados empreendidas pelos sábios do governo Fernando Henrique Cardoso entre 1994 e 1999 a pretexto de abrir a economia. (FOLHA DE S. PAULO, 1 jun. 2001, p. B. 2, c. 3).

Conforme afirmação de Alves (2002, p.52), uma preposição pode servir de ligação entre determinado e determinante, unidos sintagmaticamente. É o caso, por exemplo, de crime de colarinho branco, que é um designativo para “pessoas que usurpam o dinheiro público”, constituindo-se um sintagma cujos componentes apresentam-se unidos por uma

preposição. A frequência desse tipo de sintagma é bastante representativa no *corpus* em análise, em torno de 30%. Vejamos o contexto em que aparece o exemplo citado:

crime do “colarinho branco”

Mais da metade dos executivos franceses consultados acreditam que a França deveria lançar uma investigação sobre crimes do colarinho branco, ao estilo italiano. (FOLHA DE S. PAULO, 11 set. 1994, p. 2.2, c. 1).

No *corpus* analisado, observa-se que as metáforas aparecem, em torno de 64%, na posição de determinado e, aproximadamente, em 36% na de determinante. Esse tipo de situação nos leva a imaginar que as metáforas nas formações sintagmáticas em Economia facilitam, com certa frequência, uma generalização do termo, apresentando algo novo. Situação bem distinta das composições do tipo S + S, em que as metáforas ocorrem em torno de 83%, na posição de determinante.

Nas formações sintagmáticas formadas, por exemplo, do termo “bolha”, tais como “bolha cambial”, “bolha de consumo”, “bolha financeira”, “bolha financeira especulativa”, “bolha inflacionária”, “bolha pontocom”, a metáfora “bolha” aparece na posição de determinado (DM), conceituando a unidade terminológica em termos de “economia é efemeridade”, pois processos econômicos e financeiros efêmeros são compreendidos com base no “fenômeno da bolha de sabão”, cuja existência é passageira.

As metáforas antecipadas aos termos correspondentes à área de Economia parecem dar destaque à natureza do fenômeno em foco, generalizando e explicando o conceito compreendido na unidade terminológica. No caso do termo “bolha financei-

ra”, conforme já dissemos, a metáfora na posição de determinado parece salientar o aspecto do fenômeno da efemeridade, pois ela encabeça o termo, para, em seguida, localizar tal processo na área de finanças, ou seja, explica-se um novo fenômeno no mercado financeiro tendo como base uma metáfora:

“bolha” cambial

Os juros futuros subiram mais uma vez, com a constatação de que a bolha cambial ainda não está “furada” totalmente e, por causa disso, não há espaço para o BC usar o viés de baixa tão cedo para reduzir a Selic. (O ESTADO DE S. PAULO, 27-06-01, p. B.13, c. 6)

“bolha” financeira

Mas as bolhas financeiras muitas vezes se baseiam em ponto econômicos fortes de fato. Uma bolha ocorre quando esses pontos fortes muito reais repentinamente se revestem de proporções exageradas, até míticas, aos olhos dos investidores, que então se dispõem aplicar somas imensas no mercado acionário sem prestar atenção às perspectivas realistas. (FOLHA DE S. PAULO, 1 ago. 1999, p. 2.5, c. 1).

“bolha” financeira especulativa

O espectro de uma recessão mundial é assombroso. O colapso da bolha financeira especulativa da nova economia ainda faz vítimas (FOLHA DE S. PAULO, 5 ago. 2001, p. B. 2, c. 1)

“bolha” de consumo

Bolha de consumo é o aumento de consumo que geralmente ocorre após um congela-

mento de preços. Como há incerteza sobre o êxito do controle da inflação, os consumidores procuram estocar produtos antecipando a volta ou a aceleração da inflação. (FOLHA DE S. PAULO, 11 ago. 1991, p. 3.10, c. 5).

“bolha” inflacionária

De um lado, estavam os adeptos da teoria da “bolha inflacionária”. A idéia era de que a inflação havia subido em consequência da alta do dólar. (Exame, 26 fev. 2003, p. 14).

“bolha” pontocom

Agora, no entanto, investidores estão cada vez mais culpando analistas por ajudar a inflar a bolha pontocom emitindo relatórios favoráveis nos últimos anos sobre companhias que estavam pagando honorários gordos por serviços de banco de investimento - e não alertando investidores para os problemas dessas companhias até muito depois de a bolha ter estourado (FOLHA DE S. PAULO, 13 jun. 2001, p. B. 11, c. 3).

Assim como nas composições, as formações sintagmáticas metafóricas da Economia são do tipo endocêntricas, pois o referente tem expressão linguística em um dos seus elementos. É caso, por exemplo, de “*economia fechada*”, termo que denomina uma economia típica de uma região isolada em que não há nem importação nem exportação de produtos. No exemplo citado, o referente relativo à área de economia ocorre no primeiro elemento, e a metáfora, no segundo:

economia “fechada”

Economia Fechada - É um tipo de economia voltada fundamentalmente para a

sobrevivência. Não existem importações ou exportações de produtos. (FOLHA DE S. PAULO, 25 ago. 1991, p. 3.14, c. 5).

Em relação às formações sintagmáticas metafóricas exocêntricas, pode-se observar uma baixíssima produtividade desse tipo de ocorrência no *corpus* em análise, representando somente 0,01% do total das unidades em estudo. Este é o caso, por exemplo, de “andar de lado”, pois nem “andar” nem “de lado” têm expressão linguística relativa à área de Economia em um dos seus referentes. Só o todo atende à designação do termo, referindo-se à situação em que não há uma tendência clara de elevação ou de baixa no mercado financeiro, isto é, os operadores estão aguardando que se delineie uma tendência e, enquanto isso não ocorre, preferem ser prudentes em suas aplicações:

- “andar de lado”

Nova aplicação: o governo tem na boca-do-forno um projeto que cria a Conta Individual de Previdência Complementar, espécie de fundo pessoal para aposentadoria, também com incentivo fiscal. (FOLHA DE S. PAULO, 4 fev. 1996, p. 1, c. 2).

As formações sintagmáticas da Economia possuem normalmente a seguinte estrutura: substantivo + adjetivo (S + ADJ), em torno de 53%, seguidas de substantivo + sintagma preposicionado (S + SP), em torno de 30% (conforme já dito anteriormente). As demais estruturas são do tipo verbo + substantivo (V + S), adjetivo + substantivo (ADJ + S), entre outras.

Tanto nas estruturas S + ADJ quanto nas S + SP a metáfora, aparentemente, aparece, com frequência, na posição de DM (determinado), confirman-

do seu papel central de generalização como “bolha cambial”, “bolha de consumo”, “bolha financeira”, “bolha financeira especulativa”, “bolha inflacionária” e “bolha pontocom”, termos já citados. Contudo, em seguida, ela aparece também como elemento especificador do termo, na posição adjetival como em “crédito podre”, no qual a metáfora “podre” especifica um tipo de crédito cujas dívidas, em cobrança judicial, são de difícil recuperação:

- crédito “podre”

O Comércio adiou o negócio quatro vezes devido às crises internacionais e agora desistiu alegando que podia encontrar créditos podres no Lavra. “Não somos terceiro-mundistas para um banco dos EUA nos ludibriar e achar que não acontece nada”, diz o advogado da família, Jairo Saddi, que deve processar o Comerica. O banco não quis comentar as acusações. (FOLHA DE S. PAULO, 27 set. 1999, p. 3.4, c. 2).

Não encontramos na “Base”, praticamente, nenhum caso de metáfora + metáfora. Tal situação nos parece normal, pois esse tipo de estrutura não cumpriria a função básica da metáfora terminológica, que é a de tornar os termos transparentes nesse tipo de domínio. Duas metáforas convivendo lado a lado, no mesmo termo, poderiam obscurecer a compreensão da unidade terminológica, pois não haveria nenhum referente relativo à área econômica na mesma unidade. Contudo, verifica-se a ocorrência da formação metáfora + metonímia. Em “âncora verde”, por exemplo, “âncora” representa o processo metafórico e “verde”, o metonímico.

A metáfora “âncora” refere-se mais propriamente à sustentação do programa de estabilização da moeda durante o governo FHC, e a metonímia

“verde” refere-se à agricultura, designando, dessa forma, uma política de liberalização da agricultura, no governo citado, como linha auxiliar da âncora cambial na sustentação do programa de estabilização da moeda:

- “âncora verde”

Com a posse de Fernando Henrique ocorre a radicalização do processo de liberalização da agricultura, a despeito da manutenção do cenário de protecionismo ostensivo desse setor pelos países ricos, conforme anunciava Acordo Agrícola recém-firmado no âmbito da OMC. Com essa estratégia, o governo, além das motivações doutrinárias, pretendia um novo ciclo da modernização conservadora da agricultura. De fato, apostava-se na chamada “âncora verde” como linha auxiliar da âncora cambial na sustentação do programa de estabilização da moeda. (FOLHA DE S. PAULO, 14 maio 2000, p. B. 2, c. 4-5).

Na semântica clássica, o termo “verde” seria categorizado, normalmente, como uma metáfora sinestésica, pelo fato de haver uma apelação ao sentido da visão. No entanto, na semântica cognitiva, “verde” é compreendido como um processo metonímico, pois representa uma cor que se salienta ao pensarmos em agricultura.

Entretanto, apesar de o termo ser formado por uma metáfora ao lado de uma metonímia, é possível considerar a unidade toda como uma metáfora, pois, considerando-se a metáfora a primeira unidade do termo, parece haver, então, um destacamento desse processo, reservando à metonímia “verde” o papel de elemento especificador da metáfora.

Também se verifica que muitas formações sintagmáticas do tipo S metafórico + ADJ tendem a expandir-se à direita como em tigre asiático, termo ampliado para tigre asiático de segunda e de terceira geração. Esse fenômeno é notado por Alves (2001), que chama a atenção para o fato de que tal extensão é bastante comum nas línguas de especialidade, representando um novo conceito correspondente a uma nova invenção, uma nova tecnologia, uma especialização do conceito expresso pelo termo genérico.

3 Considerações finais

Dessa forma, por meio das análises realizadas com as lexias complexas, nota-se que, no vocabulário da Economia, é muito frequente o processo de “especialização semântica”, principalmente em relação às formações de sintagmas terminológicos de caráter metafórico. Ao imprimir precisão e rigor designativo aos termos de formação sintagmática, cumpre-se, nesses casos, a função denominativa da linguagem na Economia.

The metaphor in compound lexical units in Economics

This paper describes the metaphors in a journalistic corpus in Economics. It was observed many cases of metaphors in syntagmatic forms. In addition, a large number of metaphors in compounding were verified. It was noticed that this kind of semantic process in syntagmatic forms in Economics creates new lexical items extending the meaning of the terms in this terminology.

Key words: Economics. Journalistic corpus. Metaphor. Syntagmatic forms. Term.

Nota

- 1 “Para retomar a compreensão dos termos: os termos-palavras metafóricas são geralmente mais raros que os termos compostos e os termos-sintagmas, dos quais um componente é empregado no sentido metafórico” (Tradução do editor no texto conota informada a autoria).

Referências

ALVES, I. M. *Neologismo* – criação lexical. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Em torno de um jargão técnico: o economês. In: vários autores. *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 173-177.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCOUREK, R. *La langue française de la technique et de la science: vers Linguistique de la langue savante*. Présentation de Alain Rey. 2. Aufl. Wisbaden: Bradstetter, 1991.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

recebido em out. 2008 / aprovado em nov. 2008

Para referenciar este texto:

COSTA, E. A. da. A metáfora nas lexias complexas da Economia. *Dialogia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 189-197, 2008.
